

## **A inserção do negro no futebol brasileiro e a análise da teoria do discurso - o caso da Associação Atlética Ponte Preta**

Igor Cauê Vieira de Oliveira Pinto  
Universidade Estadual de Campinas

Renan Pessina Gonçalves de Lima  
Universidade Estadual de Campinas  
renanpessina@hotmail.com

### **Introdução**

O futebol em menos de um século de existência tornou-se o esporte mais popular e praticado no mundo, explicitando um idioma de prática singular nos mais diversos cantos do globo ao abranger as mais diversas classes sociais, conferindo poder econômico e político aos principais agentes atuantes na modalidade. A conjuntura do período da globalização potencializa tal influência, explicitando-se no poder observados em entidades como a FIFA (Federação Internacional de Futebol) e a CBF (Confederação Brasileira de Futebol), entidades responsáveis por comandar o futebol mundial e o futebol brasileiro respectivamente, exercendo atuação política e social dentro de suas escalas de influência, equiparando-se a atuação de entidades religiosas ou até mesmo de nações. Segundo Dunning (1992), citado por Souza (1996, p. 299) o futebol apresenta-se como

instituição central e muito valorizada, uma instituição que para muitas pessoas parece ter um significado religioso ou quase religioso, na medida em que se tornou uma das principais, senão a principal, fonte de identificação, significado e gratificação das suas vidas.

Deste modo, através do poder do proporcionado pelo futebol, o Brasil adquiriu notoriedade internacional ao longo do século XX, tornando o manto amarelo canário o mais preponderante no cenário político-esportivo mundial graças a “heróis” como Garrincha, Pelé, Didi, Romário, entre outros atletas os quais contribuíram para a anexação das cinco estrelas referentes aos títulos de Copa do Mundo ao escudo da CBF, assim como retratam as obras de Mário Filho<sup>21</sup> em *O Negro no Futebol Brasileiro* (2010) e Eduardo Galeano em *Futebol ao Sol e a Sombra* (2019).

O sucesso brasileiro no cenário futebolístico internacional deve-se demasiadamente ao êxito na disseminação interna da modalidade, expressando-se no consagrado estilo de prática irreverente inovador com grande influência das diversas raízes de seu povo, marcado por tensões geradas pelo desejo de inserção dos “marginalizados” na até então inicial prática elitista no final do século XIX, para então, após alguns anos, assumir o posto de principal modalidade no gosto popular.

Neste contexto, o presente artigo utiliza-se da teoria do discurso de Ernesto Laclau (2015) para analisar o modo como as obras clássicas acerca da história do futebol e a inserção do negro na modalidade poderiam auxiliar na abordagem sobre o estudo de caso da Associação Atlética Ponte Preta, equipe fundada em Campinas - SP e a primeira democracia racial do futebol brasileiro.

### **O início do futebol brasileiro**

No Brasil, assim como no contexto dos países sul-americanos, o futebol

---

21 Jornalista, cronista e escritor de grande notoriedade por suas contribuições ao futebol brasileiro.

apresenta-se como componente do cotidiano cultural da sociedade, equiparando-se a seriedade das discussões políticas e religiosa, expressando o êxito na disseminação interna da modalidade esportiva desde a sua primeira aparição de forma elitista ao final do século XIX, para posteriormente alcançar as demais classes da sociedade. O futebol atualmente se apresenta como constituição da identidade nacional, tamanha importância da modalidade.

Numa breve análise histórica, segundo Gilmar Mascarenhas (2009), existem diversas versões acerca do local inserção do futebol no Brasil, entretanto, a versão registrada e mais aceita deu-se no ano de 1895 por meio de Charles Miller, brasileiro descendente de imigrantes ingleses, na cidade de São Paulo, e na cidade do Rio de Janeiro pelo estudante inglês Oscar Cox no ano de 1897. Apesar da capital federal ainda ser o Rio de Janeiro detendo para si o poder político, a capital paulista já despontava como a “locomotiva nacional” (MASCARENHAS, 2009, p. 4) ditando as diretrizes econômicas nacionais abrigando as principais indústrias, muitas de capital estrangeiro, proporcionando o contexto necessário para que São Paulo se tornasse a porta de entrada de muitos costumes e novidades estrangeiras, assim o futebol floresceu em terras brasileiras.

Neste sentido, nasce o futebol brasileiro. Atrelado a si apresenta-se a questão racial social na prática esportiva desde seu primeiro respiro no novo mundo, de caráter segregacionista explícito, nada mais do que o reflexo das profundas problemáticas acerca da gênese e do cotidiano social brasileiro.

Mauro Filho (2010) em sua obra, apresenta o princípio da prática da modalidade no início do século XX, restrito aos clubes de engenheiros e técnicos ingleses e suas famílias, para posteriormente cair nas graças dos jovens da elite da capital paulista. A partir da apropriação dessa classe social, as partidas tornaram-se verdadeiros eventos aristocratas, ingressos das partidas eram vendidos com intuito de restringir a entrada, o público trajava-se com as mais finas vestimentas, tornando-as verdadeiros espetáculos, ironicamente se assemelhando aos tempos atuais de mercantilização e segregação gerado pela crescente monetização do futebol mundial. Até mesmo a intencionalidade de manter a prática armadora era uma ação de regulação social, mantendo-a elitista, não autorizando o profissionalismo.

Neste cenário, as principais ligas organizavam-se para vetar a participação de atletas negros. A prática do futebol pela comunidade pobre e negra era algo impensável para a época, modalidade de prática elitista, ao considerar a nula inserção social do negro após a até então recente abolição da escravidão, sendo impensável a presença dos negros em classes sociais mais elevadas, ou excepcionalmente em casos de miscigenação, porém, ainda assim, refém de um discurso hegemônico social ao renegar seus traços negros e reforçando suas características brancas.

O primeiro grande craque brasileiro, destaque da primeira conquista oficial da seleção, a Copa América de 1919 realizada no Brasil, segue essa cartilha ao apresentar esta miscigenação, citado por Pécora e Campineiro (2010), Eduardo Galeano (2019) e Mauro Filho (2010), foi o paulista Arthur Friedenreich, filho de mãe brasileira negra e pai alemão. Friedenreich detinha traços evidentemente negros, mas, ainda assim, alisava o cabelo para jogar na seleção brasileira. Segundo Eduardo Galeano (2019, p. 49),

Este mulato de olhos verdes fundou o modo brasileiro de jogar. Rompeu com os manuais ingleses: ele, ou o diabo que se metia pela planta do seu pé. Friedenreich levou o solene estádio dos brancos e irreverência dos rapazes cor de café que se divertiam disputando uma bola de trapos nos subúrbios. Assim nasce um estilo, aberto a fantasia, que prefere o prazer ao resultado. De Friedenreich em diante, o futebol brasileiro que é brasileiro de verdade não tem ângulos retos, do mesmo jeito que as montanhas do Rio de Janeiro e os edifícios de Oscar Niemeyer.

A seleção do Uruguai, diferentemente da brasileira, foi a primeira seleção predominantemente branca a contar constantemente com jogadores negros em seu plantel de jogadores, com grandes nomes como Isabelino Gradín, Juan Delgado e José Leandro Delgado<sup>22</sup>, enquanto o futebol brasileiro enfrentava explícita segregação e ocultação de seus jogadores negros. Um retrato dessa conjuntura ocorreu no ano de 1921, ano de Copa América realizada em Buenos Aires, onde o Presidente da república do Brasil Epitácio Pessoa ordenou que “não se enviasse nenhum jogador de pele morena, por razões de prestígio pátrio” (GALEANO, 2019, p. 49), resultando em uma participação resumida em três partidas e duas derrotas. O futebol se apresentando como uma ferramenta de segregação de ordem política para consolidação de uma idéia de identidade nacional, tornando evidente sua finalidade de conservar e reforçar a hegemonia de um segmento da população frente a histórica tensão irresolúvel.

### **Uma primeira democracia racial no futebol brasileiro?**

Em 11 de agosto de 1900 nascia em Campinas, cidade do interior de São Paulo, um time de futebol, mas para ser mais específico ainda, em um bairro que detinha um nome, no mínimo curioso, o bairro da Ponte Preta. Esse nome foi dado, graças a uma ponte de madeira criada pela ferrovia, e que para ser melhor preservada se utilizava de piche na ponte, deixando-a com a cor preta (PRETA, 2019<sup>a</sup>)

Os alunos de uma escola existente até hoje na cidade de Campinas, o Culto à Ciência, que em suas tardes passavam jogando bola em campos de futebol, que se distanciam muito das arenas multiusos que se observa hoje em dia, decidiram criar um time, que levaria o nome do bairro, surgindo então a Associação Atlética Ponte Preta (AAPP).

Há uma falta de bibliografia acadêmica sobre o assunto, e essa versão é mais aceita, tanto o site oficial da Ponte Preta como no da Federação Paulista de Futebol (FPF), apresentam essa história de formação do clube.

Assim, ao refletir sobre a nula inserção do negro nos cargos de gerência e comando técnico das principais equipes futebolísticas brasileiras em pleno século XXI, a Ponte Preta ostenta com muito orgulho o pioneirismo de conter dirigentes e jogadores negros em seu time titular há aproximadamente um século atrás, sendo, portanto, a primeira democracia racial do futebol brasileiro. Dentre seus fundadores em 11 de agosto de 1900 já existiam mulatos (termo utilizado pelo autor), como Benedito Aranha, que fez parte da primeira diretoria do clube. E o Miguel “Migué” do Carmo, foi o primeiro jogador negro, da alvinegra campineira, ainda em seu ano de fundação (PRETA, 2019b)

Esse orgulho pontepretano atualmente, se contrasta com a época, pois se encontra diversos preconceitos e problemas a agremiação. Clubes que não queriam jogar contra, boicotados de campeonatos e outros mais problemas de uma sociedade que acabava de sair de um regime de escravista, e tinham (tem) o preconceito arraigado em suas estruturas, ainda mais forte. Isso não foi exclusivo da Ponte Preta, aconteceu também com os times do Rio de Janeiro, como Vasco da Gama e o Bangu, que os quais também foram pioneiros na escalação de negros em partidas oficiais de futebol, como mostra Rosenfeld (1993).

O conceito de “democracia racial no futebol” aqui descrito, será o mesmo que o clube da A.A. Ponte Preta assume, consistindo na inclusão de jogadores e dirigentes negros ao esporte. A “Macaca Querida”, hoje sinônimo do carinho do torcedor pelo clube do coração, foi primeiramente colocada de forma pejorativa, como mostra o clube:

---

22 Por conta de sua habilidade era considerado o Pelé de sua época.

A Ponte Preta inclusive já requisitou junto à Fifa o reconhecimento internacional por ter sido o primeiro time de futebol do mundo a aplicar o conceito de democracia racial. Mais ainda, a Ponte abraçou esta democracia em suas mais profundas raízes, a ponto de ter transformado preconceito em honra. A torcida do clube sempre foi animada e acompanhava o time em todos os jogos do interior do Estado de São Paulo. Por ter na torcida uma base popular e operária, e por ter muitos negros tanto em campo quanto fora dele torcendo pelo sucesso do time, muitas vezes o time era recebido nos estádios adversários de maneira hostil (...) os rivais falavam que a torcida era formada por “macacos”, que o time era uma “macacada”(...)Em vez de brigar, a torcida transformou a hostilidade e assumiu o apelido: a Ponte tem orgulho desde sempre de ser a Macaca. (PRETA, 2019b)

Voltamos a notar a falta de bibliografia acadêmica que aborda essa história do pioneirismo da inserção de negros ao esporte pela AAPP, mas dessa vez não pela falta de escritos sobre o tema, como sobre a história da alvinegra, pois há uma gama de estudos sobre a inserção do negro no futebol, como já vimos acima. Mas fica evidente, um olhar hegemônico dos autores mais renomados sobre o assunto de notar esse fenômeno, apenas na até então capital política do Estado brasileiro, a cidade do Rio de Janeiro, deixando o clube do interior paulista e seus feitos de lado.

Um dos principais nomes da história não só de falar e escrever sobre futebol, mas do próprio esporte, o já citado jornalista Mário Filho, autor do livro “O negro no futebol brasileiro”, e que inclusive empresta seu nome ao estádio do Maracanã, não chega a comentar sobre a Ponte Preta e nem sobre Miguel do Carmo, jogador negro que estava na fundação do clube de Campinas. Para trazer para a área da Geografia, Mascarenhas (2009) ao escrever sobre como o futebol se difundiu primeiro em São Paulo, e sua relação com a classe operária e a várzea, também deixa escapar o time mais antigo do Brasil com atividade ininterruptas e sua relação com a ferrovia, o negro e classe operária.

Nesse sentido, achamos pertinente fazer uma análise das disputas por hegemonia entre os times de futebol no Brasil em relação a um discurso de “democracia racial” a partir da teoria de Laclau e Mouffe (2015). Essa hegemonia criada pelos discursos, indica uma visão de mundo, aqui no estudo, levando para a Capital brasileira da época, uma hegemonia de pioneira da inserção de negros no futebol, mas que na cidade de Campinas já havia sido anteriormente praticada.

## **Teoria do discurso e a democracia racial no futebol no Brasil**

Uma das questões que surgiram durante a revisão bibliográfica da história do futebol e da inserção do negro na modalidade, e que motivou a recorrer a uma análise, a partir das disputas por hegemonia de um discurso, buscando de Laclau e Mouffe (2015), foi a falta de inclusão da Ponte Preta nos dois assuntos, mas em especial a sua falta na inclusão do negro no futebol, pelos motivos aqui já bem especificados, sua não citação levou a algumas reflexões, e como geógrafos buscando no espaço a explicação do fenômeno para a compreensão.

A Teoria do Discurso, aqui assumida, é um método de como se enxerga o objeto de estudo, criando assim uma visão de mundo. O que queremos, portanto, é a partir da Teoria do Discurso, refletir sobre a construção de discursos que colocam a capital como exclusiva em um projeto de democracia radical no futebol (LACLAU E MOUFFE, 2015).

Ao se utilizar da Teoria do Discurso acreditamos que o discurso não se separa da prática, segundo Mendonça e Rodrigues (2014, p.49) o discurso para Laclau “é uma categoria que une palavras e ações, que tem natureza material e não mental e/ou ideal”, portanto, assume-se que discurso não só não se separa da prática, como o discurso é

prática.

Nesse sentido, afirmamos que o espaço é meio pelo qual se revela práticas (entendendo discurso como prática) que se tornam simbólicas e materialmente hegemônicas, entendendo assim, que toda espacialidade revela um discurso.

Para pensar essa ideia da espacialidade revelando um discurso e a não inserção da Ponte Preta como pioneira na democracia racial do futebol, e sim times da capital, como o Vasco da Gama e até o Bangu, nota-se uma clara presença de um discurso hegemônico vindo da Capital, dentre outros motivos por sua força política. Essa hegemonia permite que uma grande parcela das pessoas conheça sobre a “democracia racial vascaína” em meados da década de vinte do século XX como mostra Vieira (2003), enquanto em 1900 ela já era prática no interior do estado de São Paulo.

Para Laclau e Mouffe (2015) é dos conflitos (articulações) que surge um discurso hegemônico, que se apresenta nessa discussão proposta, como a noção de que a construção de uma democracia racial no futebol se deu apenas na capital, apagando os processos ocorridos no interior, onde se coloca o time da Ponte Preta. Os conflitos entre os discursos capital-interior acabam criando um hegemônico, que para os autores, “são particularidades que se universalizam” (Laclau e Mouffe, 2015, p. 40) e que a hegemonia não é fixa, estando sempre em disputa.

### **Algumas considerações para não concluir**

Diante da revisão bibliográfica, verificamos que a história do futebol se entrelaça com a história do negro na modalidade, pois desde muito “jovem”, o futebol no Brasil, conta com a participação dos negros, mesmo com diferenças e com a culpabilização das derrotas. Nota-se que o futebol foi, talvez, uma das primeiras práticas sociais no Brasil em que o negro e pobre puderam ter uma notabilidade e ascensão na sociedade, mas também um local onde a ideia de democracia racial, desde cedo, acabou validando e naturalizando diversos preconceitos.

Durante a pesquisa, o fato do primeiro time do Brasil a convocar jogadores negro ao seu time titular, já em sua fundação, não ser mencionado na grande maioria de trabalhos sobre história do futebol e história do negro no futebol, acabou intrigando-nos muito. Uma saída encontrada, foi tentar estabelecer a Teoria do Discurso para verificar os discursos hegemônicos presentes dentro das espacialidades, aqui apresentado na relação capital-interior. Consideramos importante destacar que é uma pesquisa ainda em andamento, que se desdobrará ainda muito sobre a história do negro, do futebol e os discursos por de trás da espacialidade.

### **Referências bibliográficas:**

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 2. ed. Porto Alegre: L&pm, 2019. 249 p. (2).

MARIO FILHO. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010. 343 p.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios, 2015.

MASCARENHAS DE JESUS, Gilmar. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. **GEOgraphia**, v. 4, n. 8, p. 84-92, 2009.

MENDONÇA, D. de; RODRIGUES, Léo Peixoto. Em torno de Ernesto Laclau: pós-estruturalismo e teoria do discurso. **Pós-estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau. Porto Alegre: EdIPUCRS**, p. 27-46, 2014.

PÉCORA, André; CAMPINEIRO, Stephan. **Ponte Preta: A torcida que tem um time**. 1 ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

PRETA, ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA PONTE. Ponte Preta, o primeiro time do Brasil. **<https://pontepreta.com.br/o-club/historia>**. Acesso em 29 de setembro de 2019 a.

PRETA, ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA PONTE. Dia da Consciência Negra: Ponte Preta é a primeira democracia racial no futebol do Brasil. **<http://pontepreta.com.br/noticias-detalle/dia-da-consciencia-negra-ponte-primeira--democracia-racial-do-brasil>**. Acesso em 29 de setembro de 2019 b.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

SOUZA, Marcos Alves de. a **“nação em chuteiras”**: rala e masculinidade no futebol brasileiro. 1996. 62 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Antropologia da Universidade de Brasília, Universidade de Brasília, Brasília, 1996.

VIEIRA, José Jairo. Preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, v. 1, n. 42, 2003.